

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
6 de Maio de 2022
A CINEMATECA COM O INDIELISBOA – DIRECTOR'S CUT

ET J'AIME À LA FUREUR / 2021

Um filme de André Bonzel

Argumento e narração: André Bonzel / *Música:* Benjamin Biolay / *Montagem:* André Bonzel, Thomas Marchand, Svetlana Vayblat / *Som:* Benoît Gargogner e Olivier Touche (misturas).
Produção: Les Films du Poisson; Les Artistes Associaux / *Cópia:* digital (suporte original, a partir de material em película 8 mm, Super 8, 16 mm e 35 mm), versão original com legendas em inglês e legendagem eletrónica em português / *Duração:* 96 minutos / *Estreia mundial:* Festival de Cannes (Cannes Classic), 8 de Julho de 2021 / *Primeira apresentação em Portugal*

André Bonzel teve um curioso itinerário. Nascido em 1961, tinha trinta e um anos quando filmou e co-realizou um filme que ilustrava um argumento bastante original, foi estreado no Festival de Cannes e teve imenso êxito comercial: **C'est Arrivé Près de Chez Vous**, rebatizado em Portugal **Manual de Instruções Para Crimes Banais**. Desde então e até o filme que vamos ver, feito quase trinta anos depois, nada mais fez como realizador, à exceção de um clip e uma mini-série documentária para a televisão. O seu último trabalho antes do filme desta sessão tinha sido o de diretor de fotografia de uma comédia eslovaca, em 1992 (a sua mulher é eslovaca, como ficamos a saber no decorrer da projeção).

No genérico de início o título do filme não é mencionado, só o sendo no fim, quando o espectador é informado que é a citação de um trecho de um poema erótico de Baudelaire: *“amo furiosamente as coisas em que os sons se misturam à luz”*. No poema, trata-se das joias que usa uma mulher que está nua na cama com o amante e para um homem do século XX como o realizador trata-se, por analogia evidente, do cinema. **Et J'Aime à la Fureur** pertence à vasta e bela categoria do filme-memória feito a partir de filmes domésticos. Aos filmes que Bonzel colecionara ao longo dos anos, que pertencem à categoria da *metragem encontrada*, aos filmes de família feitos pelos seus pais e ao material que ele próprio filmara ao longo dos anos com a família e os amigos, veio juntar-se a inesperada herança de uma vasta coleção de *home movies* de um parente seu, cuja existência ele desconhecia. Por conseguinte, o filme foi feito a partir do encontro de três coleções (e muito provavelmente de algum material de arquivo adquirido para estofar a montagem). Injetar um sentido a estas imagens e procurar o que há por detrás delas, confrontar a vagueza da memória à nitidez do que foi captado, a preto e branco e a cor, pelas câmaras em 16 mm, 8 mm Super-8 é no que consiste o trabalho do realizador de um filme como este, levado a perguntar-se a dada altura: *“as lembranças parecem-se às imagens?”*.

Um filme como **Et J'Aime à la Fureur** é forçosamente autobiográfico e, por conseguinte, estende-se à família e aos amigos do realizador. Bonzel vem de uma família que é ou foi extremamente rica e vários dos seus ancestrais foram cineastas amadores, que não filmaram apenas férias e passeios, embora também o tenham feito: um trisavô ao mesmo tempo competente engenheiro e *bon vivant*, que foi convidado à primeira sessão privada do Cinematógrafo Lumière, nove meses antes da primeira sessão pública de Dezembro de 1895, quis comprar o aparelho, não conseguiu e vingou-se fazendo uma suposta paródia de **L'Arroseur Arrosé**; outro que fazia filmes industriais, outro ainda que filmava casamentos e passou a fazer filmes de propaganda pétainista, depois de

ser o fotógrafo e cinegrafista de um cabaré parisiense. Às imagens primevas do realizador em criança com os pais (é com surpresa que ele constata que o pai lhe acaricia os cabelos, gesto de que nunca se lembrava o ter visto fazer), às imagens recorrentes das férias de verão nos anos 60 e 70 sempre na mesma praia, vem juntar-se este pouco banal acervo de filmes, em que autênticos *home movies* (como são diversos dos primeiros filmes dos Lumière) juntam-se a imagens captadas por estes ancestrais, que remontam quase aos começos do cinema e vão além do registo familiar.

Ao longo do filme Bonzel tenta e até certo ponto consegue manter um equilíbrio entre a exploração daquelas imagens vindas de outro mundo e a narrativa autobiográfica, entre aquilo que interroga e aquilo que ele conhece talvez demasiado bem. A montagem levamos ora à autobiografia do realizador, ora às imagens captadas pelos seus ancestrais, que funcionam à medida que o filme avança como um contraponto ao percurso autobiográfico, interrompendo-o espaçadamente ao longo da sua projeção cronológica. Há um pesado ajuste de contas com o pai (imagens de um porco a ser degolado enquanto ouvimos a narrativa da última vez em que os dois se viram, à exceção de uma visita sua ao pai no seu leito de morte), há as omissões que Bonzel quis que ali estivessem (por exemplo, por quê ficou tanto tempo afastado do cinema?), misturadas a fugazes momentos mágicos da sua vida, como as projeções de clássicos do cinema pelo pai de um amigo, na infância ou a lembrança de ter assistido na televisão com a mãe ao desembarque do homem na Lua, aos oito anos. E em paralelo há fragmentos biográficos de pessoas que ele não conheceu, o facto de que toda família tem segredos que quer que permaneçam sepultados, mas que apesar disso são transmitidos de uma geração a outra. Em alguns conseguidos, Bonzel consegue fundir com destreza os elementos autobiográficos com certas imagens não identificadas que herdou, como na passagem em que evoca a presença de **C'est Arrivé Près de Chez Vous** no Festival de Cannes, em que se misturam imagens da presença dele em Cannes, com imagens de antigas edições do festival e as imagens, que já víamos, de uma garota de cerca de dez anos com os pais em Cannes, provavelmente feitas nos anos 30. Em momentos como este, as duas coleções de filmes se fundem, assim como se fundem as lembranças pessoais do realizador e o passado não identificável, alheio: imagens que afirmam e imagens que interrogamos. De modo um tanto surpreendente, há certas opções um tanto pueris na montagem, provavelmente pensadas como elementos de humor (a frase "*precipitei-me para buscar a coleção de filmes*" é ilustrada pela imagem de um carro de corrida...), enquanto nem sempre aquilo que a voz do narrador descobre corresponde *exatamente* ao que vemos na tela, embora illustre aquilo a que ele se refere, mas esta é uma "impureza" quase tão antiga quanto o cinema. Como em qualquer filme feito a partir de material de arquivo há um delicado equilíbrio entre aquilo que emana das imagens e aquilo que lhes é inoculado pela palavra do narrador. **Et J'aime à la Fureur** é um filme-balanço de um homem que atinge os sessenta anos, cuja vida, por conseguinte, está para trás e cujos anos que restam, por mais férteis que sejam, são feitos de prolongamentos e repetições. André Bonzel faz este balanço através de uma vasta série de fragmentos de imagens e ao cabo do seu trabalho descobre que encontrou "*a fenda que buscava: os filmes amadores só mostram os momentos felizes*". O que podemos ver através desta fenda?

Antonio Rodrigues